

**Ana Maria Dalla Zen, Cláudia Feijó da Silva e
David Kura Minuzzo**

Ana Maria Dalla Zen Possui graduação em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1971), mestrado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1980) e doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (2003). Atualmente é professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, exercendo a função de Coordenadora da Comissão de Graduação em Museologia. **Cláudia Feijó da Silva** possui graduação em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2006), exercendo a função de Coordenadora do Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro e Memorial da Família Remião. A sua experiência é direcionada a educação não formal e ações culturais desenvolvidas em museus. **David Kura Minuzzo** é graduando em Museologia e bolsista em pesquisa da disciplina Metodologia da Pesquisa.

A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO IMATERIAL DA COMUNIDADE DO BAIRRO LOMBA DO PINHEIRO, PORTO ALEGRE, RS: AS PESSOAS E SUAS HISTÓRIAS DE VIDA

Ana Maria Dalla Zen, Cláudia Feijó da Silva e David Kura Minuzzo

Resumo

Analisa as narrativas dos jogadores do Pinheirense Futebol Clube, time de futebol que atuou entre as décadas de 1950 e 1970 na Lomba do Pinheiro, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil, cujas lembranças servem de referência histórico-cultural dos moradores do bairro na atualidade. As memórias dos sujeitos em relação às diferentes formas de manifestação e representação da cultura e imaginário da comunidade servirão de referência para incentivar o aumento da auto-estima e sentimento de pertença entre os moradores da comunidade. A investigação, de caráter qualitativo, é feita utilizando a metodologia da história oral, através da coleta de narrativas orais durante as *Rodas de Memória* e de entrevistas individuais. O material coletado ao longo desse trabalho será incorporado ao acervo permanente do museu e o resultado do trabalho será apresentado em exposição a ser inaugurada durante a 3ª Primavera de Museus.

Palavras-chave: Cultura Imaterial, Memória Social, Museus Comunitários, Histórias de Vida

Abstract

It analyzes the narratives of the players Pinheirense Football Club soccer team that played between the 1950 and 1970 in Lomba do Pinheiro, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brazil, whose memories are for reference historical-cultural residents of the neighborhood in today. The memories of the subjects regarding the different forms of manifestation and representation of culture and imagination of the community will serve as reference to encourage increased self-esteem and sense of belonging among the residents of the community. The research, qualitative, is made using the methodology of oral history through the collection of oral narratives during the Wheels of Memory and individual interviews. The material collected during this work will be incorporated into the permanent collection of the museum and the result of the work will be presented in exhibition to be inaugurated during the 3rd Spring Museum.

Keywords: Culture Immaterial, Social Memory, Community Museums, Life Histories

1 Introdução

O projeto *Preservação do Patrimônio Imaterial da Comunidade do Bairro Lomba do Pinheiro, Porto Alegre, RS, Brasil*, se propõe a reunir as memórias das pessoas que deram início ao bairro, entre as décadas de 1930 a 1960. Isso será operacionalizado através de uma parceria entre o Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro (MCLP) e o curso de Museologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). A investigação, na forma de uma pesquisa qualitativa de cunho etnográfico, inclui a coleta de depoimentos das pessoas reunidas em encontros denominados *Rodas de Memória*. Considera que, como as pessoas não esquecem seu passado, mas o mantém latente em sua memória, se utiliza da metodologia da história oral para a recuperação das lembranças de cada um. Com isso, o Museu pretende se constituir num lugar de preservação da cultura imaterial da comunidade, ao reunir as narrativas orais dos sujeitos, em torno dos fazeres, história, casos, festas e outras formas de representação da cultura e imaginário local. E, como consequência da preservação dos valores da cultura material e imaterial da comunidade, o Museu objetiva atuar, de forma permanente e parceira, com o desenvolvimento e mudança social do bairro, considerado um dos mais pobres da cidade de Porto Alegre.

Os processos de comunicação criados através das Rodas, permitem aos sujeitos cujas histórias de vida ocorreram nos entornos do Museu, se reconheçam como atores sociais, numa perspectiva de respeito ao passado, real ou imaginário, e no sentimento de que o saber e a memória individual necessitam ser preservados e compartilhados com as novas gerações. Em decorrência, a trajetória histórica do bairro poderá ser recontada de maneira mais inclusiva, ao recuperar memórias de pessoas que, reunidas em associações comunitárias, clubes, escolas etc., fizeram a história do bairro. As memórias, assim reunidas, serão incorporadas ao acervo do Museu, e darão origem a exposições no próprio museu ou itinerantes, no bairro. Para os alunos do curso de Museologia, é a oportunidade de participar de um projeto voltado à mudança e desenvolvimento social de uma comunidade de periferia, reunida em torno da ação de um museu comunitário.

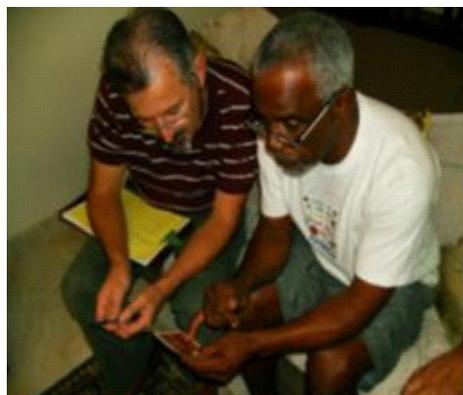


Foto 1
David K. Minuzzo e Sr. Zeca lembrando quem
são os jogadores da fotografia – maio/2009
(Foto: Cláudia Feijó)



Foto 2
Acadêmicos da Museologia coletando dados de
ex-jogadores durante a 2ª Roda de Memória-
julho/2009 (Foto: Valéria Abdalla)

2 Museus Comunitários, Construção do Conhecimento & Troca de Saberes

O projeto, proposto em torno do conceito de patrimônio definido pela Declaração de Caracas, que considera como tal o conjunto de todas as expressões materiais, imateriais e espirituais que caracterizam uma nação, região ou comunidade (PRIMO, 1999). Enquanto as expressões materiais referem-se a elementos concretos, as imateriais e espirituais incluem o intangível e o impossível de ser tocado fisicamente, tais como os saberes, fazeres e as celebrações.

O imaterial se faz no material, como, por exemplo, numa romaria, que é a celebração religiosa que é acompanhada por imagens sacras, ornamentos e produtos comemorativos, que se constituem em representações concretas da religiosidade do evento. Do mesmo modo, o material possui historicidade, significado e simbologia que se constituem no plano do intangível. Assim, o material e imaterial estão sempre interligados. Por outro lado, quando se fala em cultura, não se pensa apenas nas representações antrópicas, mas também no meio ambiente em que a vida humana acontece. O patrimônio cultural, nesse sentido, inclui também o patrimônio natural da humanidade.

A parceria com o curso de Museologia da UFRGS permite a concretização de suas diretrizes curriculares, que prevêem a integração entre o ensino, a pesquisa e a extensão universitária como estratégia para a geração de ações mais efetiva entre a produção do conhecimento, o desenvolvimento e a mudança social. Trata-se do que Santos (2008) denomina de extensão em ação, ou seja, da ideia de que

conhecimento se torna mais efetivo na medida em que é produzido através da conexão e troca de saberes entre a universidade e a comunidade. Ou seja, ao incluir as experiências e a criatividade de atores sociais que, fora das academias, abriram caminhos impensáveis dentro dos cânones da universidade, o conhecimento produzido nas universidades é enriquecido, fortalecido por estratégias e soluções que poderiam passar despercebidas.



Foto 3 Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro



Foto 4 Ilustração do acervo permanente do Museu.

Assim, as Rodas de Memória, se constituem numa proposta de extensão universitária que estabelece novos trânsitos entre o ensino e a pesquisa inerentes ao currículo do curso de Museologia, ao permitir a imersão dos alunos em práticas de um museu comunitário, na operacionalização dos conceitos de patrimônio, memória e ação educativa. Essa relação entre a Universidade e o Museu, portanto, permite a geração de um conhecimento mais inclusivo e democrático. Ao se referir às possibilidades dos museus como espaços de educação, Santos (2007) destaca a função libertadora que eles podem exercer, através de suas ações educativas. Em decorrência, as suas ações não podem mais ser pensadas de modo dissociado dos referenciais culturais da comunidade de que fazem parte. Isso estabelece uma imbricação indissolúvel entre os conceitos de cultura, desenvolvimento e mudança social. Isso exige a produção de um novo tipo de conhecimento, mais democrático e inclusivo, que dê espaço para a troca e respeito

à experiência e à criatividade dos atores sociais, cujos olhares percebem e indicam pistas e soluções que muitas vezes são ignorados ou passam despercebidos pelos membros da comunidade científica.

A conexão dos saberes se converte num ponto de partida para essas novas perspectivas de conhecimento, calcado na conexão “[...] entre arte e ciência, entre uma cultura e outra, para uma análise crítica e para o estímulo da criatividade, fazendo a ponte entre os objetos e a cultura do aluno, potencializando o patrimônio cultural como vetor de produção de conhecimento”. O museu comunitário, então, se converte num espaço pedagógico, que é “[...] compreendido como um local onde a tradição pode ser conhecida, percebida, questionada e reinventada, estimulando e apoiando, inclusive, a criação de novos museus; interagir com outras instituições, com os sujeitos sociais que estão fora dos museus [...]” (SANTOS, 2009, documento eletrônico). Então, é necessário que, tanto o museu, quanto a academia, rompam as paredes, abram as portas e saiam, para conversar e interagir com o patrimônio que está lá fora.

Hugues de Varine e Odalice Miranda Priosti (2007, doc. eletrônico) destacam que, o conceito tradicional atribuído ao museu como instituição criada para proteger o patrimônio, no sentido de coleções musealisáveis, se ampliou, e, ao invés da preocupação com o acervo, suas ações trocaram de foco. Hoje, lhes é atribuída a função de criar em torno de si vínculos de interação permanente e ativa com a comunidade, através de uma programação bem planejada de ações educativas e culturais. O patrimônio, por sua vez, foi deslocado prioritariamente para as relações cotidianas, para a própria dinâmica da ação humana em interação com outras formas de vida. A diversidade cultural e a biodiversidade, o patrimônio da biosfera, tudo isso passou a fazer parte da problemática do patrimônio. O conceito, antes restrito ao acervo do museu, abriu a porta e as janelas e saiu para a rua, para o mundo, para o planeta. Fez-se saltimbanco, vira-mundo, sem fronteiras, nem bandeiras.

3 História Oral, Memórias, Lembranças e Esquecimentos

A história oral se firmou hoje como um recurso de pesquisa histórica importante para a transmissão das experiências sociais. Em decorrência da crescente preocupação de antropólogos, sociólogos e historiadores com as culturas populares, dedicados a uma nova história social, em que os segmentos excluídos da sociedade, cujas versões eram ignoradas pela história tradicional, assumiram espaço ativo na construção da trama histórica. Como destaca Alberti (2004, p.14), a vivacidade típica dos documentos pessoais, o entusiasmo de alguém que relata a sua própria

experiência, é um elemento muito significativo nos depoimentos orais. Neles, as pessoas se empolgam a tal ponto que “[...] a sua narrativa acaba colorindo o passado com um valor que nos é caro; aquele que faz do homem um indivíduo único e singular em nossa história, um sujeito que efetivamente viveu – e, por isso dá vida a – as conjunturas e estruturas que de outro modo parecem tão distantes”.

Já Nora (1993), com a expressão lugares de memória, afirma que no tempo em que vivemos os países e os grupos sociais sofreram uma profunda mudança na relação que mantinham tradicionalmente com o passado. Para o autor, uma das questões significativas da cultura contemporânea situa-se no entrecruzamento entre o respeito ao passado, seja real ou imaginário, e o sentimento de pertencimento a um dado grupo; entre consciência coletiva e preocupação individual; entre memória e identidade. Os lugares de memória são lugares que possuem três acepções: são lugares materiais, onde a memória social se ancora e pode ser apreendida pelos sentidos; são lugares funcionais, porque tem ou adquiriram a função de alicerçar memórias coletivas e são lugares simbólicos, onde essa memória coletiva, ou identidade, se expressa e se revela. São lugares carregados de uma vontade de memória.

A história oral registra vivências, emoções e sentimentos. Ao contrário da fotografia, que enquadra um foco e registra um momento exato, a história oral refere-se a uma vivência, portanto envolve emoções e sentimentos. Ao se utilizá-la como técnica de pesquisa, deve-se ter em mente certas particularidades da memória pessoal e de sua relação com a memória coletiva. A relação entre lembrança e esquecimento, o processo seletivo que implica em apagamentos voluntários ou involuntários, o entrecruzamento de temporalidades distintas: o tempo lembrado e o tempo da lembrança são elementos a serem considerados durante as entrevistas. Do mesmo modo, deve-se lembrar que as datas se confundem com passagens da vida, as emoções modificam os fatos ou os camuflam. Os depoimentos jamais serão retratos fiéis de fatos ocorridos, mas sempre serão rerepresentações do sujeito em relação às suas vivências, filtrados por suas emoções, subjetividades e memórias. E, sendo assim, se tornam documentos fiéis, dignos de toda a confiança e respeito, por representarem os sujeitos em processo de construção de sua própria história.

4 As Rodas de Memória com os Jogadores do Pinheirense F. C.: Imaginário, Lembranças, Esquecimentos

As lembranças recuperadas através das Rodas de Memória referem-se a um sentimento de pertença que aflora a todo o momento entre os jogadores do Pinheirense F.C. Ao se perguntar sobre os motivos do sucesso do time, a resposta

surge rapidamente, com muita empolgação. E, junto com ela, é lançada uma pergunta aos outros participantes da roda:

O pessoal era unido... o dia que tava chovendo o pessoal vinha conferir se ia sair jogo. Todo mundo vinha... era ou não era? Todo mundo vinha!

Sr. Edvar Remião (Vado)

Ao ser solicitado para que se lembrasse da escalação de um time da época, o Sr. Vado evoca em sua memória e incentiva os demais a lembrarem. Mas logo se depara com o seu próprio esquecimento, sendo estimulado pela memória coletiva dos demais companheiros:

O time pra mim que teve, na época, pra mim que era o mais antigo, era Zezinho no gol - não sei se vocês ainda lembram do Zezinho? Vô botá assim: Julinho... aquele outro o ... um moreno, baixinho, que jogava muito na zaga contigo...

Sr. Edvar Remião Vado)

O Pinheirense F. C. movimentou a vida social não apenas de moradores da comunidade, mas também de pessoas de outros bairros que iam buscar no clube divertimento e lazer. Mesmo que o bairro fosse muito afastado do centro da cidade e de difícil acesso, com apenas dois horários de ônibus, o domingo era o dia da semana mais esperado pelos nossos narradores:

Eu vinha lá de Porto Alegre pra cá.

Júlio Caetano Machado (Sr. Julinho)

Observa-se que Porto Alegre é referida nos depoimentos como se fosse uma outra cidade, quando a Lomba do Pinheiro é um bairro dentro dela:

O Tito vinha do centro, mas eu, o Vicente, tu (referindo-se ao Sr. Jorge), esse aqui (Sr. Marco), nós era daqui. Já os quatro aí, os três ali, já era do centro (Srs. Bilo, Julinho, Titulívio). E tinha muitos do centro. São cinco irmãos dele que jogavam aqui... cinco irmãos, todos cinco do centro [...] o falecido Zé Carlos também, né?

Sr. Edvar Remião

A vida social era marcada pela intensa atividade do Pinheirense F.C.. Exemplo disso são as redes que foram sendo criadas em torno das relações sociais que o clube formou. Inúmeras amizades surgiram e já duram meio século, e várias famílias se formaram em torno do time:

Esse aqui é um exemplo, ó (Sr. Vado). Casou com a filha do treinador. O Tito casou com a minha irmã, o Tito é meu cunhado. E teve outros quantos aí que se conheceram assim...

Sr. Jorge Dutra



Fotos 5, 6, 7 e 8 Primeira e Segunda Rodas de Memória com o Pinheirense Futebol Clube – junho e julho/2009 (Fotos: Valéria Abdalla e Matilda Schutz Minuzzo)¹

Muitas lembranças permanecem no imaginário não só de seus jogadores, mas de outros atores sociais. Esse é o caso do Sr. Adenir Gonçalves de São João, que recebeu o nome em homenagem ao técnico do Pinheirense F. C. - melhor amigo de seu pai, Sr. Vilson de São João, que foi jogador do time e mais tarde árbitro dos jogos. Adenir, que freqüentou o clube desde seus primeiros dias de vida, tem lembranças que o emocionam:

Da torcida. Aquilo... tá gravado na minha mente. É... como é que é? 'Arruma outro time... é canja, é canja de galinha, arruma outro time para bater a nossa linha'. Olha cara, eu escutava, eu escutei isso muito tempo. Porque tinha um barranco [...] Então elas, as meninas ficavam num barranco e passava o tempo todo cantando isso. A torcida era isso. Era essa música. Isso tá claro, eu nunca mais escutei, né. Só existe lá, isso é de lá. 'Arruma outro time pra bater com a nossa linha, É canja, é canja de galinha... é canja de galinha, arruma outro time pra bater com a nossa linha'. Olha: Nossa linha! É um hino, né?

Sr. Adenir Gonçalves de São João - 52 anos.

¹ Os direitos de todas as fotografias foram cedidos para uso neste trabalho.

Portanto, fica claro como os jogadores do Pinheirense F.C. podem se constituir em elos entre dois tempos, o passado e o presente, numa tentativa orquestrada pelo Museu e Universidade, de construir alternativas para superação das marcas de exclusão social, desesperança e falta de expectativas daquela comunidade.

5 Considerações Finais

Podemos notar que já a partir das primeiras rodas de memória foi possível criar um ciclo de valorização da memória e das histórias de vida dessas pessoas ditas comuns e que tiveram intensa vida social no bairro Lomba do Pinheiro. O projeto vem permitindo a reapresentação, construção e registro da história do bairro contada pelos seus próprios atores sociais. Além disso, está contribuindo para a aproximação entre os antigos e atuais moradores da comunidade, o que permite a troca de saberes entre moradores mais velhos e jovens, e, com ela, o estabelecimento de vínculos de pertença entre as diferentes gerações.

Como produto parcial das *Rodas de Memória*, será realizada uma exposição, a ser lançada durante a 3ª Primavera de Museus, iniciativa do Instituto Brasileiro dos Museus (IBRAM), em setembro de 2009. Além disso, o acervo material e imaterial produzido está sendo incorporado ao acervo permanente do Museu.

A partir dessa exposição, poderão ser avaliados os impactos e as mudanças surgidas dentro da comunidade, no que se refere ao aumento da auto-estima e do sentimento de pertencimento ao bairro. Todo e qualquer indivíduo possui em sua memória elementos que comprovam que sua trajetória neste mundo tem um significado especial, único. Nesse sentido, as Rodas de Memória recuperam, reúnem e valorizam a presença daqueles que, de uma forma ou outra, fazem parte da construção da comunidade. E, por mais insignificantes que possam parecer as participações de cada um, a memória tem a autoridade para resgatar os vínculos, os elos, os sonhos e o imaginário daqueles que fizeram a história do bairro. Quanto aos alunos de Museologia, a participação no projeto significa, realmente, a inserção numa prática pedagógica que estabelece as necessárias relações entre a teoria e a prática, dentro do cotidiano de um museu comunitário.

Referências

Alberti, Verena (2004) "Ouvir contar". In: Verena Alberti, *Textos em História Oral*. Rio de Janeiro: FGV Editora.

Nora, Pierre (1993) "Entre Memória e História: a problemática dos lugares". *Projeto História*, São Paulo, n. 10, p. 07-28, dez.

Primo, Judite Santos (1999) "Pensar contemporaneamente a Museologia". In: *Cadernos de Museologia*. Lisboa: Universidade Lusófona, n.16., p. 35. Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/viewFile/512/415> (acedido em 20 de julho de 2009).

Santos, Maria Célia Teixeira Moura (2008) "Museu e educação: conceitos e métodos". In: *Encontros Museológicos: reflexões sobre a museologia, a educação e o museu*. Rio de Janeiro: MinC/IPHAN/DEMU, p. 125 – 146.

Santos, Maria Célia Teixeira Moura (2009). "Museu e comunidade: uma relação necessária". Disponível em: http://www.rem.org.br/download/MUSEU_E_COMUNIDADE_2.pdf. (acedido em: 20 de julho de 2009).

Varine, Hugues de; Miranda, Odalice Priosti (2007) "O novo museu das gentes brasileiras: criação, reconhecimento e sustentabilidade dos processos museológicos comunitários" In: *Cadernos de Museologia*. Lisboa: Universidade Lusófona, n.28, Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/viewFile/512/415> (Acedido em 19 de junho de 2009).